

## Do verso ao reverso: a (in)existência da utopia

Inara de Oliveira Rodrigues

### PUBLICAÇÃO EDIPUCRS

- MOREIRA, Alice Campos. **Obra Poética Lobo da Costa**. 1992, 294p. Em co-edição com IEL/FAPERGS..

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

EDIPUCRS  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33  
Caixa Postal 1429  
90619-900 PORTO ALEGRE - RS/BRASIL  
Fone/FAX: (051) 320.35.23  
<http://ultra.pucrs.br/edipucrs/>  
E-mail [edipucrs@music.pucrs.br](mailto:edipucrs@music.pucrs.br)

"Creio que o resultado final dos paradoxos desmistificadores é o pedido de que questionemos, mas não de que apresentemos soluções." (Linda Hutcheon).

A Literatura Comparada instituiu-se como uma disciplina que visava em seus estudos transcender os limites das literaturas nacionais, mas sua importância e atualidade residem no fato de ter-se expandido para o terreno das relações culturais, onde o comparativismo deixa de ser um método em si mesmo para dar lugar ao estabelecimento de similaridades e contrastes, em um arranjo multidisciplinar. A partir desse enfoque, o que ganha relevo é sua contribuição na busca de reconhecer essas relações como sistemas descentralizados que rompam com estruturas totalizantes, baseadas na afirmação de semelhanças em meio à diversidade, na formação de binarismos que, via de regra, privilegiam uma análise monológica.

A possibilidade dessa alteração de foco nos estudos literários comparativistas, deveu-se, entre outras, mas principalmente, à noção de descentramento. Na esteira do pensamento pós-estruturalista, fundamentalmente com Derrida e sua teoria da *différance*, foram abaladas as concepções de linguagem e comunicação funcionando como códigos estáveis, imutáveis – ao contrário,

"se [...] a totalização não tem mais sentido, não é porque a infinidade de um campo não pode ser coberta por um olhar ou um discurso finitos, mas porque a natureza do campo – a saber a linguagem e uma linguagem finita – exclui a totalização: este campo é com efeito o de um *jogo*, isto é, de substituições infinitas no fechamento de um conjunto finito. Este campo só permite estas

substituições infinitas porque é finito, isto é, porque em vez de ser um campo inesgotável, como na hipótese clássica, [...] lhe falta algo, a saber, um centro que detenha e fundamente o jogo das substituições.<sup>1</sup>

Através da concepção de jogo que exclui um centro único de referência, descortina-se, então, a virtualidade de uma leitura textual múltipla, onde o sentido e a significação, através de interpretações subjetivas, que são condicionadas historicamente, tornam-se, igualmente, pluralizados e em constante mudança. Mais ainda, pode-se efetivar, dessa forma, uma desconstrução das significações que se pretendem como objetivas e reais, desvelando-se o não-dito como positividade do sentido que, muito além de uma interpretação do que se esconde nas entrelinhas, tira do reverso seu caráter de avesso.

No cerne desses questionamentos e problematizações vai-se colocar, justamente, a teoria pós-colonial, tendo como fundamentação a relativização das relações culturais, a partir de uma valorização das obras literárias fora da canonização (entendida aqui como padronização) ocidental assentada nas hierarquias estabelecidas pelas marcas da colonização. Ao contrário de uma polarização que vê no "Outro" colonizado a instância desprestigiada de uma produção cultural firmada nas e pelas potências dominantes – que através dessa polarização alicerçaram a comparação literária pela busca de semelhanças que pudessem ocultar diferenças, visando a manutenção de sua hegemonia – trata-se, agora, de salientar a maneira como os grupos "subalternos" conseguem

"reciclar permanentemente suas tradições, desconstruindo e reconstruindo suas relações com as influências externas; [assim,] esse discurso crítico rejeita a existência de um centro cultural puro, não contaminado, e também a idéia de uma cultura como essência ou fenômeno acabado, preferindo trabalhar com a idéia de cultura como processo, em constante estado de construção e transformação."<sup>2</sup>

Deve-se acrescentar também que, como coloca Homi Bhabha, nem mesmo as culturas são unitárias dentro de si mesmas, nem simplesmente dualistas na relação do Eu para o Outro,<sup>3</sup> o que impede qualquer pretensão de reconhecimento de uma categoria dos

estudos históricos, no caso a colonização, por uma via de mão única, fatal e inquestionável. Todo processo histórico e cultural fundamenta-se, nesse sentido, como construção que se ordena por caminhos variados, que têm significações diferenciadas e sempre provisórias, de acordo com os enquadramentos contextuais que lhes são dados.

Assim definidas essas premissas teóricas, intenta-se realizar aqui um estudo comparativo, respectivamente desdobrado em duas partes, entre as obras *Até parece o paraíso*, de John Cheever e *O general em seu labirinto*, de Gabriel García Márquez, a partir do levantamento de alguns elementos presentes em suas dimensões textuais e contextuais, estabelecendo-se a temática da utopia como aspecto privilegiado de análise, efetuada no terceiro e conclusivo momento desse trabalho.

## I

No posfácio de *Até parece o paraíso*,<sup>4</sup> o comentador Sergio Augusto define o escritor John Cheever (1912-1982) como "um observador lírico e irônico do mundo da classe média da costa leste americana, atormentada quase que exclusivamente pelo alcoolismo, pela infidelidade conjugal e pelos efeitos corrosivos dos desapontamentos". Em uma outra referência ao autor, Marcus Cunliffe corrobora este vinco irônico de Cheever, apontando-o como um cronista satírico dos nova-iorquinos da Nova Inglaterra, interessado em, "primeiramente, traçar as atitudes de suas personagens e só secundariamente problematizar aspectos morais, o que também se verifica em seus romances, ao retratar os dilemas da vida suburbana norte-americana".<sup>5</sup>

Apesar de uma produção extensa, na verdade não é muito fácil situar John Cheever no contexto da produção literária dos Estados Unidos e deve-se ressaltar que somente há bem pouco tempo seu trabalho tornou-se conhecido no Brasil. De uma forma geral, nos compêndios de literatura norte-americana pesquisados, ele aparece enfileirado aos escritores do período pós-guerra ou simplesmente faz parte dos chamados "autores contemporâneos", o que não contribuiu em nada para que se possa especificar a contextualização de sua criação literária.

<sup>4</sup> CHEEVER, John. *Até parece o paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

<sup>5</sup> CUNLIFFE, Marcus. *História da literatura dos Estados Unidos*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1986. p. 444.

<sup>1</sup> DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1993. p. 244-245.

<sup>2</sup> GUELF, Maria Lúcia Fernandes. Identidade cultural numa perspectiva pós-moderna. *Gragoatá*. Niterói, n. 1, p. 140, 2ª sem. 1996.

<sup>3</sup> BHABHA, Homi K. Cultural diversity and cultural differences. In: ASCROFT, GRIFFITHS & TIFFIN (eds.) *The post-colonial studies reader*. London: Routledge, 1995.

Portanto, numa tentativa de buscar correspondências entre sua obra e sua época procurou-se traçar um painel, ainda que sintético, da situação histórica na qual se insere o romance que é aqui objeto de estudo. Trata-se do final da década de setenta, início da década de oitenta: em 1976 Jimmy Carter é eleito presidente e, em meio à crise do Oriente Médio, os Estados Unidos tentam uma negociação de paz (frustrada posteriormente) entre Anwar Sadat, do Egito, e Menachen Begin, de Israel; a Rússia invade o Afeganistão, e o governo norte-americano decreta um bloqueio econômico e o boicote aos jogos olímpicos de Moscou. O quadro geral

“era de uma sociedade em transição. Os números crescentes de criminalidade, gravidez de menores e uso de drogas eram contrabalançados por uma melhor assistência médica e oportunidades de educação [...]. Os bolsões de miséria eram, por sua vez, contrapostos pelas áreas de explosão econômica. A América ainda era terra de grandes oportunidades para os imigrantes e, apesar dos males da inflação e dos choques com a falta de combustíveis, as pessoas continuavam a olhar o futuro confiantes em ainda poder realizar o sonho americano.”<sup>6</sup>

O resgate desse sonho é a promessa da presidência ocupada por Reagan durante a década de oitenta, caracterizando-se como uma liderança conservadora, cujo programa político visava garantir uma menor participação do governo na economia, orçamento equilibrado, valores familiares e paz através da força, essa última conseguida com o aumento de gastos militares. Estruturado o neoliberalismo, procuram os representantes do poder norte-americano dar conta de um panorama de crise permanente: crise energética, a perda de alguns mercados para os alemães ocidentais e japoneses, a sinalização dos primeiros sintomas de falência do seu parque industrial e tecnológico, culminando com o agravamento do número de desempregados.

Desta forma, ao contrário de uma “fábula otimista”, como Sergio Augusto define o romance *Até parece o paraíso*, toda essa conjuntura norte-americana parece apontar para uma proposta irônica de Cheever, em que somente como um reflexo invertido pode-se enxergar qualquer sinal de otimismo. O próprio título já indica esse direcionamento irônico e crítico ao seu meio social, em uma

narrativa onde a realidade parece menos autêntica “do que os outdoors que margeiam as estradas da costa leste daquele país”.<sup>7</sup>

Com uma estrutura fragmentada, a obra enfocada tem como eixo de aproximação entre suas personagens o problema da poluição do Lago Beasley. Lemuel Sears é um homem de meia-idade, viúvo, pacato funcionário de uma empresa ligada ao ramo da informática, cujo grande prazer é poder patinar aos fins-de-semana na superfície congelada do lago. Em uma dessas ocasiões, descobre, desolado, que a poluição atingira perigosamente seu recanto de sossego e toma a iniciativa de procurar advogados para tentar resolver o problema. O advogado contratado é assassinado, bem como o posterior ecologista que passará a cuidar do assunto por um curto período de tempo.

Ao mesmo tempo em que se toma conhecimento da vida de Sears, seus encontros e desencontros com uma nova amante, a narrativa apresenta a família dos Salazzo, ligada a inescrupulosos comerciantes que são os responsáveis pelo lixo cada vez mais acumulado no lago. Vizinhos dos Salazzo são Betsy e seu marido, os quais possuem dois filhos pequenos. A relação entre os dois grupos, principalmente entre as duas donas-de-casa, se nunca foi de amizade, transforma-se em briga permanente, até o desaparecimento dos Salazzo da história.

O ponto de convergência da narrativa é uma reunião entre os interessados na preservação do lago (Sears, o ecologista e Betsy) com os responsáveis pela administração pública. No entanto, um contato anterior ligou a vizinha dos Salazzo a Horace, o ecologista contratado por Sears: foi ele, Horace, quem resgatou o bebê de Betsy, por ela e o marido esquecido na estrada, quando retornavam de um passeio na praia. Assim, quando a causa ecológica é legalmente perdida na reunião referida, após a qual Horace é vítima de assassinato por um atropelamento premeditado, Betsy toma a si o encargo de, em memória do amigo recentemente conquistado, lutar pela preservação do lago. Usando de uma tática terrorista, ela coloca veneno em um pote de molho no supermercado com a inscrição de que novos atentados seriam praticados até que parassem com o depósito de lixo, conseguindo, dessa forma, reverter e solucionar o problema. Sears torna-se responsável pelo processo de limpeza do Lago Beasley e a história termina.

No entanto, para além desse eixo da narrativa, a obra de Cheever, na verdade, dá conta de uma série de questionamentos sobre a

<sup>6</sup> DIVINE, Robert et al. *América – passado e presente*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1992. p. 704.

<sup>7</sup> LASCH, Christopher. *O mínimo eu -sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 135.

realidade social norte-americana a partir das digressões do narrador, de peripécias que não se entrecruzam, de dados estatísticos e procedimentos técnicos que chegam a ocupar um bom espaço na narrativa. Tudo se articulando numa atmosfera repleta de artificialidade, onde personagens que parecem feitas de plástico ganham vida com o sopro de um momento em que o presente se instala sem referencialidade a um passado ou futuro, onde não há possibilidade de consolo nem na religião nem na psicologia: é sintomático que a amante de Sears vá à Igreja, mas nunca haja culto e que o próprio Sears procure um analista que, no entanto, está muito mais preocupado é em garantir sua sobrevivência.

Seguindo a análise de Lasch, pode-se mesmo dizer que sobrevivência parece ser a palavra-chave em "uma época carregada de problemas (...) Vive-se um dia de cada vez. Raramente se olha para trás, por medo de sucumbir a uma debilitante nostalgia; e quando se olha para frente, é para ver como se garantir contra os desastres que todos aguardam". Neste quadro, a mentalidade contemporânea da sobrevivência pauta-se por um afastamento das questões públicas, preocupando-se com as crises previsíveis da vida cotidiana, onde as ações individuais ainda parecem ter algum impacto mínimo no curso dos acontecimentos: essa é uma leitura possível para a atitude pessoal de Betsy, uma dona-de-casa que decide, sozinha, a questão da preservação do Lago! De sua parte, nada indica um questionamento político, nem exatamente existencial.

Numa época movida pelo individualismo, marcada por atrocidades e situações caóticas, em que as manchetes de jornal parecem superar a imaginação de qualquer ficcionista – nesta época e realidade move-se Cheever, construindo uma narrativa que parece mesmo sobrepor recortes de "hebdomatários" locais, com situações tão trágicas como a morte do advogado e do ecologista, quanto absurdas, como o esquecimento do bebê de Betsy em plena auto-estrada. Mas, tudo imerso num tom de superficialidade do mesmo modo como a banalização do sentimento de crise gera na sociedade um movimento letárgico de indiferença. Por isso a história dos vilões é deixada de lado: não para que se desfaça qualquer possibilidade otimista, mas por que, diante do caos da existência, perseguí-los é tarefa totalmente inútil.

Em suma, desnudando a artificialidade da sociedade norte-americana, tendo como foco alguns representantes de sua classe média, John Cheever erige personagens cuja vida interior é tão superficial quanto a camada de gelo do Lago Beasley.

\* Idem, *ibidem*, p. 9.

## II

Com uma proposta muito diferenciada, temos Gabriel García Márquez, escritor colombiano (1928 – ) reconhecido mundialmente por sua criação ficcional onde se faz presente o realismo mágico, Prêmio Nobel em 1982, e que lançou, em 1989, *O general em seu labirinto*.<sup>9</sup> Nesse romance, no entanto, o autor envereda por outros caminhos: constrói o que Linda Hutcheon denomina de metaficção historiográfica.<sup>10</sup> O que está em pauta é uma revisão crítica do passado histórico da América Latina, onde se torna muito tênue a fronteira entre História e ficção, a partir do resgate da última viagem de Simón Bolívar pelo território sul-americano, navegando pelo rio Magdalena. Como coloca o Autor,

"os fundamentos históricos me preocupavam pouco, pois a última viagem pelo rio é o tempo menos documentado da vida de Bolívar [...]. No entanto, desde o primeiro capítulo tive de fazer alguma consulta ocasional sobre seu modo de vida, e essa consulta me remeteu a outra, depois a outra mais e a outra mais, até mais não poder. Durante dois longos anos fui me afundando nas areias movediças de uma documentação torrencial, contraditória e muitas vezes incerta."<sup>11</sup>

O enfoque básico da narrativa é a revelação de um herói em seu momento de maior decadência, quando, diante da falência do seu projeto maior de unificação da América Latina após as guerras de independência, Bolívar está prestes a embarcar definitivamente em seu auto-exílio para Europa. É a fase derradeira de um homem que chegou a ser aclamado "Libertador" e a quem os caudilhos locais passam a desconsiderar em nome de seus interesses pessoais – daí à designação de Ditador o processo não foi muito demorado.

Na verdade, como já indicado em seu título, esse romance de García Márquez acompanha o labirinto em que redundou a vida de Bolívar, nas suas idas e vindas pelo continente americano, liderando guerras de conquista, tendo uma conduta política nada uniforme, com rompantes ditatoriais e princípios democráticos firmemente defendidos: nesse sentido, acompanhar seus últimos momentos é também acompanhar a própria história latino-americana.

<sup>9</sup> GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *O general em seu labirinto*. Rio de Janeiro: Record, 1989.

<sup>10</sup> HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo – história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

<sup>11</sup> GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Op. cit.*; p. 267-268.

Fazendo-se uma breve exposição da situação pela qual passava a América Latina ao tempo em que foi lançada a obra, ou seja, final da década de oitenta, o que toma vulto são as tentativas de afirmação dos governos democráticos após longos períodos de ditaduras militares, em meio aos planos oriundos do Fundo Monetário Internacional para estabilização de suas economias. Ganha corpo o neoliberalismo, baseado principalmente na privatização de empresas estatais, redimensionamento de gastos públicos com redução do quadro do funcionalismo e a abertura para o capital estrangeiro. Ao mesmo tempo, acompanhando o cenário internacional de formação de grandes blocos econômicos, como a Comunidade Econômica Européia, organiza-se no sul da América, entre Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai a formação de um mercado regional, o Mercosul. As medidas liberalizantes, contudo, não diminuíram o contingente de miseráveis espalhados pelo território latino-americano, desencadeando, ao contrário, uma grande onda de desemprego que continua aprofundando as desigualdades sociais.

Dessa forma, resgatar as peripécias de Simón Bolívar e desvelar o fim da utopia de uma América unida e forte é trazer à tona um sério questionamento sobre os rumos do continente nesse final de milênio. Ao mesmo tempo, significa igualmente abalar com qualquer concepção de “verdade” histórica: seja pela indicação da pergunta final do General em seu estertor, apontando para a inexistência de uma saída única e linear nem na condução do processo histórico e nem da própria existência; seja por revisitar Bolívar por uma ótica que dele retira qualquer áurea de sacralização, transformando-o em mais um ex-cêntrico na periferia do capitalismo mundial<sup>12</sup>.

### III

Na contraposição assim feita entre os dois romances que são aqui objeto de estudo, salientam-se com toda evidência seus traços distintivos. Trata-se, agora, de ressaltar algumas de suas possíveis similaridades ou, mais precisamente, de buscar algumas aproximações entre ambos.

<sup>12</sup> Como aponta Linda Hutcheon, na estruturação de uma metaficção historiográfica “até os personagens históricos assumem um *status* diferente, particularizado e, em última hipótese, ex-cêntrico”. In: —. *Poética do pós-modernismo – história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p. 151.

Em primeiro lugar, considerando-se os dois escritores pelo prisma do pós-colonialismo, pode-se afirmar que se trata de duas vozes híbridas: Cheever, que seria um representante da escritura de Primeiro Mundo, na verdade construiu sua obra ficcional em um país que foi também colonizado, que concretizou guerras de independência e sofreu a potência do imperialismo inglês; Márquez, escritor do Terceiro Mundo, não é apenas uma expressão original da periferia do mundo imperialista ocidental, senão que igualmente só pode construir sua ficcionalidade a partir das conquistas obtidas pelos subalternos em meio ao próprio processo de colonização. Mais uma vez torna-se nítida a inexistência de um centro “puro” de referencialidade para a criação artística.

Em segundo, parece possível o estabelecimento de um paralelismo que aproxima as duas narrativas quanto a suas personagens pois, se em *Até parece o paraíso*, a artificialidade da existência é a base de estruturação de suas criaturas, em *O general em seu labirinto* o protagonista, ser de carne e osso que se desprende do papel, é focalizado em seu momento de maior decadência. Em ambas, movem-se atores marcados pela transitoriedade da vida, ocupantes de uma posição ex-cêntrica em meio ao poder hegemônico: habitantes de uma povoação suburbana, de classe média, em Cheever; líder de importância incontestada, mas no cenário periférico do mundo capitalista, em Márquez. Ainda que Bolívar tenha consolidado seu lugar na História, enquanto o preenchimento das lacunas deixadas no desdobramento das conquistas alcançadas com a limpeza do Lago Beasley já seja, para Cheever, “uma outra história”, é nesse contraponto entre História/ficção, que afina-se, nos dois romances, a orquestração cuja pauta comum é a certeza de qualquer realidade tão-somente enquanto uma construção arbitrária de sentidos, sempre questionáveis, cambiantes e provisórios.

Por fim, a questão da temática da utopia. No mundo artificial de Cheever, não há lugar para ela; o interesse de Sears e Betsy em preservar o lago é nostálgico, no caso dele, e circunstancial para ela, sendo fundamentalmente um interesse pessoal para ambos. Só muito remotamente e de maneira muito superficial poderia se entrever uma dimensão utópica na “luta” das personagens, talvez até o mais acertado seria caracterizá-la como profunda ironia: em meio ao artificialismo da paisagem do lago recém despoluído, *Oh, what a paradise it seems!*

Em *O general em seu labirinto*, igualmente desmorona-se, junto com a morte de Bolívar, qualquer projeto utópico de construção de uma América Latina unida, forte e capaz de impor-se no cenário político e econômico mundial. Assim como no final de sua existência o líder sul-americano vai diminuindo de tamanho, também a

América tropical vê-se diminuída nas várias nacionalidades arbitrariamente erigidas pela força dos chefes políticos locais.

No entanto, arrisca-se aqui uma mirada no reverso. Na obra de Cheever pode-se ler o não dito, ou seja, que o desvelamento da artificialidade da vida norte-americana aponta, sim, para uma crítica que tem como proposta última reafirmar a necessidade do retorno a uma existência mais natural, saudável, e efetivamente solidária. Onde os laços entre as pessoas não sejam apenas circunstanciais, mas plenos de um sentido de comunhão para a construção de uma sociedade onde ainda seja possível sonhar, não com um paraíso perdido, mas com a utopia de objetivos fraternalmente construídos.

No romance de Gabriel García Márquez, o herói decadente continua sendo um herói em sua integridade inquestionável: não são poucas as passagens em que o narrador confere a Bolívar uma áurea de grandeza, mesmo em meio aos seus devaneios que lhe retiram a força do poder, como nessa passagem:

“Nesse mesmo dia tornou a escrever a Urdaneta: ‘Sigo para Santa Marta com a idéia de contribuir com minha influência para a expedição que marcha contra Maracaibo’. Nesse mesmo dia voltou a escrever a Urdaneta [...]. Só então revelou o propósito verdadeiro da viagem: ‘Verei de perto as operações contra Riohacha, e me aproximarei de Maracaibo e das tropas para ver se posso influir em alguma operação importante’. De fato, já não era um aposentando que fugia, vencido para o desterro: era um general em campanha.”<sup>13</sup>

Dáí que, mesmo refletindo sobre o fim da utopia, ela se desvele como uma necessidade sempre insuperável: a morte de Bolívar não suplantou seu mito, e no mito permanece a esperança de uma América Latina que ainda venha a construir seu devido lugar na História – o lugar do pleno diálogo que ultrapasse as fronteiras entre dominantes e dominados.

Assim, considerando-se possível essa refração dos sentidos das obras enfocadas, visualiza-se com maior clareza a importância da noção de descentramento: no horizonte utópico de Cheever, ganha relevo a dimensão superficial da superioridade norte-americana; na utopia de García Márquez, redimensiona-se a aparente fragilidade da realidade latino-americana. Em ambos, viabiliza-se o necessário reconhecimento de que as relações culturais são sempre construções plurais, cujas significações assentam-se em bases sempre diferenciadas e nem um pouco definitivas.

<sup>13</sup> GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. Op. cit., p. 210.

## Referências bibliográficas

- BHABHA, Homi K. Cultural diversity and cultural differences. In: ASCROFT, GRIFFITHS & TIFFIN (eds.). *The post-colonial studies reader*. London: Routledge, 1995.
- CHEEVER, John. *Até parece o paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- CUNLIFFE, Marcus. *História da literatura dos Estados Unidos*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1986.
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- DIVINE, Robert et al. *América: passado e presente*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1992.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *O general em seu labirinto*. Rio de Janeiro: Record, 1989.
- GUELFÍ, Maria Lúcia Fernandes. Identidade cultural numa perspectiva pós-moderna. *Gragoatá*. Niterói, n. 1. 2º sem. 1996.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo – história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- LASCH, Christopher. *O mínimo eu – sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

## Publicações periódicas da PUCRS

- **MUNDO JOVEM**  
Jornal de idéias e reflexões para jovens, vinculado ao Instituto de Teologia e Ciências Religiosas - *Mensal*
- **PUCRS INFORMAÇÃO**  
Boletim informativo - *mensal*
- **VERITAS**  
Revista de estudos de Filosofia e Ciências Humanas - *Trimestral*
- **LETRAS DE HOJE**  
Revista de estudos de Lingüística, Literatura e Língua Portuguesa  
*Trimestral*
- **TEOCOMUNICAÇÃO**  
Revista de estudos de Teologia, Filosofia e áreas afins -  
*Trimestral*
- **REVISTA DE MEDICINA DA PUCRS**  
Editada pela Fac. de Medicina e Instituto de Geriatria - *Trimestral*
- **ANÁLISE**  
Revista da Fac. de Ciências Políticas e Econômicas - *Semestral*
- **BIOCIÊNCIAS**  
Revista do Instituto de Biociências - *Semestral*
- **BRASIL/BRAZIL**  
Revista de Literatura Brasileira e Literatura Comparada Editada pela PUCRS, Brown University e Ed. Mercado Aberto - *Semestral*
- **COMUNICAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA**  
*sem periodicidade*
- **EDUCAÇÃO**  
Revista do Curso de Pós-Graduação em Educação -  
Quadrimestral
- **ESTUDOS IBERO-AMERICANOS**  
Revista de estudos sobre a História e a Literatura Ibero-Americana do Curso de Pós-Graduação em História - *Semestral*
- **HÍFEN**  
Revista do Campus II/PUCRS/ Uruguaiana - *Semestral*
- **ODONTOCIÊNCIA**  
Revista da Faculdade de Odontologia- *Semestral*
- **PSICO**  
Revista especializada em Psicologia - *Semestral*
- **REVISTA DA FAMECOS**  
Revista da Fac. dos Meios de Comunicação Social - *Semestral*
- **DIREITO & JUSTIÇA**  
Revista da Faculdade de Direito - *Sem Periodicidade*
- **DIVULGAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA**  
*sem periodicidade*